

O BOTÃO QUE NUNCA EXISTIU

Em determinado momento, as redes sociais foram tomadas por um debate improvável: e se os streamings criassem um botão para pular conteúdos adultos, no estilo do “pular abertura”? O rumor nunca se confirmou (apesar de ter circulado imagens falsas com a opção), mas a repercussão foi grande o suficiente para revelar algo sobre o retrato da geração.

As reações foram, previsivelmente, divididas. Julia foi direta: “Minha reação foi: eu odiei. E não, não faz sentido para mim. Eu acho que esse rumor é de uma barbaridade de conservadorismo. Você tirar a cena de sexo de um filme, de uma série, de uma novela, é a mesma coisa que você tirar a cena do elenco tomando café da manhã. Sexo é uma coisa cotidiana, sexo é uma coisa que existe. Não é porque eu não faço, que eu não quero ver.”

João Pedro teve uma leitura diferente. “Acho preocupante essa reação. Ao mesmo tempo que sou da opinião de que cada um sabe sobre cada um, eu não acho bacana que o polo mais forte da situação, a mídia no

geral, incentive a negação ou a rejeição de algo que é natural do ser humano”, ressalta.

Murilo enxergou utilidade prática. “Acho que seria interessante, já que tem pessoas que se sentem desconfortáveis com esse tipo de cena, principalmente quando se assiste em grupo ou família”, diz.

A psicóloga Bruna Gund se recusa a generalizar. “O que leva um jovem cisgênero, heterossexual, branco e de classe alta a filtrar os conteúdos não necessariamente coincide com o que motiva um jovem trans, assexual, negro, que chega em casa na periferia após um dia extenuante entre faculdade e trabalho, a fazer o mesmo. As pessoas que compõem a geração Z possuem realidades muito distintas.”

Para ela, o desconforto com cenas de sexo na ficção não é, em si, um indicativo de demanda terapêutica. “A não ser que haja algum tipo de sofrimento ou prejuízo em suas vidas, o desinteresse ou o desconforto em cenas que retratem sexo em filmes ou novelas não é um indicativo de que haja quaisquer demandas terapêuticas”, afirma.

Bruna Gund aponta para o que talvez seja o maior avanço dessa geração: o vocabulário. “Esse letramento contribui para que a geração Z tenha maior contato e validação das nuances de suas experiências afetivas e sexuais. Pessoas que não se encaixam necessariamente nas prescrições normativas sobre gênero e sexualidade conseguem elaborar suas percepções com maior refinamento, encontrando comunidades de apoio”, observa.

João Pedro, que não transa há dois anos e pensa muito sobre o assunto, resume sua visão com uma clareza que talvez seja o maior sinal de saúde dessa geração: “Antes, achava que era algo de outro mundo, mas vejo que é algo natural e que deve ser um momento de prazer, de alegria. Falar é mais fácil do que fazer, mas tento manter esse pensamento”.

É Julia, que prefere preguiça a performance e seletividade a quantidade, fecha com a frase que talvez defina melhor do que qualquer estatística o que está acontecendo. “Se não for para ser daquele jeito, pra quê?”

Talvez a geração Z não esteja em recessão sexual. Talvez esteja, finalmente, aprendendo a querer só o que vale a pena.

OSWALDO *70 anos* MONTENEGRO

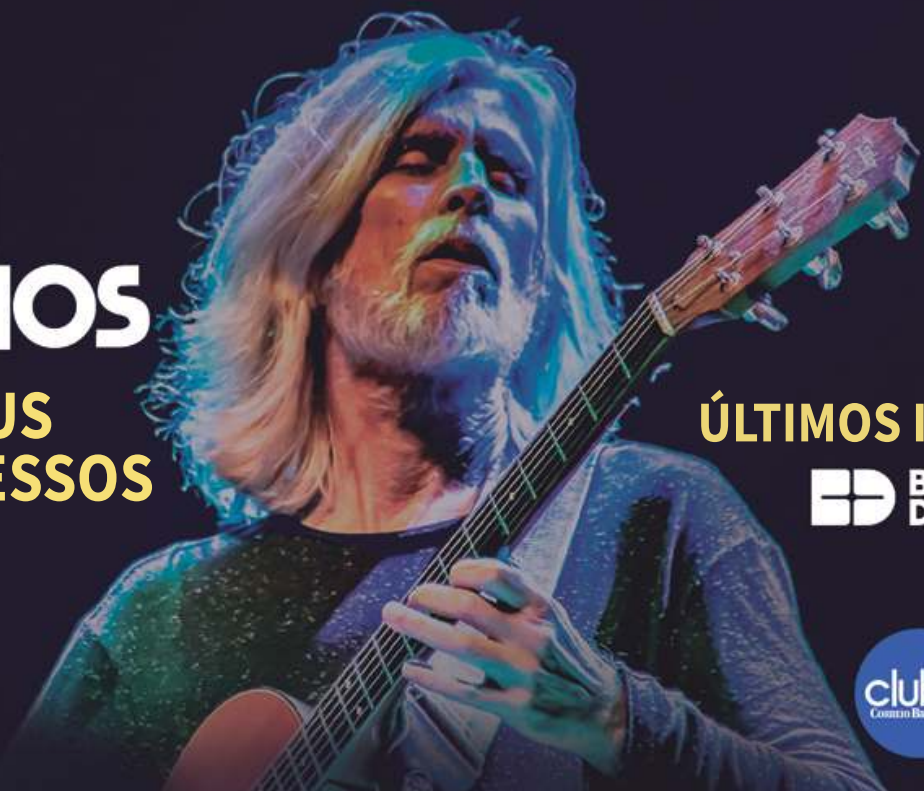
30 MAIO

CENTRO CONV. ULYSSES

A DANÇA DOS SIGNOS

INCLUINDO SEUS GRANDES SUCESSOS

APÓIO **CORREIO
BRAZILIENSE**



ÚLTIMOS INGRESSOS

 Bilheteria
Digital

 clube
CORREIO BRAZILIENSE **50%**
DE DESCONTO*